

E-BOOK

10 MOTIVOS PARA VOCÊ APRENDER ECONOMIA HOJE



A hand is shown using a calculator over a document that features a bar chart. The image is in a cool, blue-toned aesthetic. The hand is positioned on the left side of the frame, with fingers resting on the calculator keys. The calculator is a standard desktop model with black and grey buttons. The document underneath has a bar chart with several vertical bars of varying heights. The overall composition suggests a theme of finance, economics, or data analysis.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 03

As leis que “pegam” no Brasil:
qual é o sentido disso? 05

As ações sobem e descem.
Por quê? 08

Restrição orçamentária:
quando chega no limite... 11

Tradeoff: ou você faz uma
coisa, ou faz outra 13

Externalidade: o que eu
tenho a ver com meu
vizinho? 15

Função de utilidade:
descubra enfim como ser
feliz 17

Ciclos econômicos: economia
não só cresce ou cai 20

Custo de oportunidade:
tempo é dinheiro! 23

Dólar: nasceu apenas para
humilhar os economistas 25

Inflação: de uma vez por
todas, o que é? 27

APRESENTAÇÃO

Você colocou suas informações pessoais, baixou este e-book e cá está, lendo isso. **É, você mesmo.** No Terraço Econômico tem uma coisa que nessas primeiras duas linhas, caso você não nos conheça ainda, agora vai conhecer: nosso maior prazer é produzir conteúdos que mexam com quem tem contato com eles.

Seja por meio de vídeos, podcasts, artigos, eventos ou qualquer outra plataforma que participemos, temos como meta não deixar que as pessoas saiam do que fazemos da mesma maneira que entraram. **Nem que seja para discordar veementemente.**

Agora que você já sabe **como** somos, vamos te contar um pouco de **quem** somos.

Terraço Econômico, nascido de um grupo de amigos em 2014 (um ano que parecia turbulento politicamente, mas nem de longe igual ao que veio depois), é um espaço plural de geração de conteúdo sobre economia e política que busca trazer dos altos montes do círculo acadêmico para a compreensão geral temas que, no fim do dia, deveriam desde o começo estarem sendo entendidos por todo mundo.

Afinal de contas, a economia está mais próxima de você do que você mesmo imagina.

Nestes anos já tivemos desde a discussão de temas mais primários como o que é inflação, passamos para alguns um pouco mais complexos como sobre o que é déficit primário e até chegamos a temas um pouco mais técnicos como a Regra de Taylor.

Tudo isso com uma constância: o interesse de falarmos para sermos compreendidos. **O 'economês' não tem vez por aqui.**

Outro ponto interessante a comentar é que somos também um espaço aberto, talvez um dos únicos do país, que recebe também contribuições de quem nos lê. E não o fazemos apenas espontaneamente: de tempos em tempos temos projetos específicos que são movimentados com contribuições de quem nos acompanha ou de especialistas que contactamos para que produzam conteúdo conosco.

Fizemos uma série exclusiva sobre os Prêmios Nobel contando com a participação de economistas de diversas correntes de pensamento.

Trouxemos candidatos à vereador dos mais variados partidos para debater livremente suas ideias por meio de artigos de opinião no site. **A nossa ideia surge da verdade fundamental que o conhecimento surge dos dissensos, e não dos consensos.**

Caso você já conhecesse a gente, provavelmente algumas das informações que falamos acima você já soubesse. Mas vamos te contar uma que nem você terraceiro raiz sabia: nosso maior objetivo desde a fundação sempre teve a ver com educação, com o objetivo de contribuir mais diretamente com o ensino e a compreensão da economia em termos gerais. E com a parceria que estamos desenvolvendo junto a BM&C, nossa missão ficará ainda mais palpável nos próximos tempos.

Esse e-book traz até você os 10 motivos fundamentais para aprender economia, mostrando como as ações do nosso dia a dia tem tudo a ver com economia. Apesar de parecer uma coisa distante da realidade, entender as relações econômicas e sociais entre indivíduos é determinante para antecipar tendências e comportamentos e claro, **pensar como um verdadeiro economista.**

Obviamente, os temas trazidos nesse e-book são apenas um aperitivo do que

é possível descobrir quando se estuda os fundamentos da economia. São 10 temas, mas há muito mais para se descobrir.

Aperte os cintos e venha conosco!

Equipe do Terraço Econômico

AS LEIS QUE “PEGAM” NO BRASIL: QUAL É O SENTIDO DISSO?

O Brasil é um país reconhecido por ter muitas leis. Se a constituição americana tem apenas algumas páginas, a brasileira não economiza no números de regras e obviamente, nas punições associadas. Mas há um fenômeno interessante por aqui: há leis que “pegam”, ou seja, os indivíduos costumam respeitar e outras leis que simplesmente são ignoradas pela maioria das pessoas. **Qual é a razão para isso?**

Obviamente, isso tem tudo a ver com economia e um termo bastante conhecido: os INCENTIVOS. Quando os indivíduos se deparam com novas regras ou regulações, alguns até se adequam para cumprir a nova lei, mas outros tantos se adaptam ao novo cenário, sem descumprir contudo a regra previamente criada.

Afinal, todos nós pensamos nos seguintes pontos: o que eu ganho com isso? O que posso perder se não cumprir? Serei punido? Se sim, qual a chance disso acontecer? No fim, é sempre a **lógica dos incentivos** trabalhando por trás das decisões.

Além disso, o conjunto das regras que depois se transformam em leis devem refletir o próprio comportamento da sociedade. O código penal brasileiro pune com muitos anos de prisão um caso de assassinato e tortura, por exemplo. Em um caso hipotético, se não houvesse punição, as pessoas não passariam a cometer esses crimes só porque o Estado é leniente, porque há uma questão moral envolvida. Há muitos outros exemplos.

Se houvesse uma Lei proibindo a comemoração do Carnaval em Salvador em 2021, será que ela seria cumprida? A resposta é um sonoro NÃO, mas alguns mecanismos podem auxiliar no cumprimento da nova regra, mesmo que seja “na força”.



Primeiro, a fiscalização. Não adianta nada criar uma lei que não gere enforcement (do inglês, a ideia do 'fazer cumprir'). Se não houvesse blitz de trânsito com bafômetros disponíveis para medir o teor de álcool dos motoristas e autuá-los se necessário, pouca gente de fato não beberia NADA antes de dirigir. Obviamente há gente muito responsável que não precisa da lei para cumprir uma regra moralmente aceita; mas uma lei pode induzir esse comportamento desejável. A lei do cinto de segurança na década de 90 também pegou, apesar de ter gente publicamente sendo contra a medida.

Mas usar celular ao dirigir? Por que apesar de existir a tanto tempo a lei simplesmente não pega? Para responder essa pergunta, precisamos olhar para um segundo aspecto: a punição. Todo mundo sabe que a punição de andar sob efeito de álcool é bem mais pesada no bolso do que a multa de usar o celular enquanto dirige. Para muitos indivíduos que trafegam diariamente no trânsito, vale o risco.

Ainda, é possível citar a proibição (óbvia) em muitas capitais de urinar em via pública. No período do Carnaval, até que existe uma certa fiscalização, mas depois... aquele cheiro característico é bastante sentido em algumas ruas das grandes cidades.

De novo: multa baixa e pouca fiscalização são um convite para quem quer descumprir as regras. As sacolinhas plásticas foram substituídas em muitos estabelecimentos por versões biodegradáveis por causa do impacto no meio ambiente. A ideia da lei era diminuir a utilização da versão poluente. Contudo, depois de idas e vindas, alguns estabelecimentos continuam sem cobrar do cliente; as que cobram, normalmente colocam um valor simbólico (inferior a 10 centavos).

Sem sentir no bolso de fato, muita gente continua usando as sacolinhas. Incentivos, pessoal, incentivos!

E QUANDO O GOVERNO NÃO RESPEITA AS LEIS QUE CRIA PARA SI PRÓPRIO?

Além de criar regras e legislação para os cidadãos, de vez em quando o Estado cria regras para ele próprio, para a União, Estados e Municípios. Contudo, quando olhamos em detalhes, há leis criadas há tempos que são desrespeitadas continuamente.

A Lei de Responsabilidade Fiscal, por exemplo, criou regras claras para estados e municípios relacionadas aos seus gastos, limites legais de endividamento, em uma tentativa de organizar as finanças locais. A verdade é que, após quase 20 anos de sua criação, há diversos entes federativos que desrespeitam a lei. **Outra lei que não pegou?**

Quer ver outro exemplo? A Lei de acesso à informação permite a qualquer cidadão solicitar informações produzidas ou armazenadas por órgãos e entidades da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. Quase completando 10 anos, não são poucos os casos de desrespeito a legislação vigente.

Dizem que o exemplo vem de cima. Se há leis criadas para auto-regulamentar o governo que sequer são cumpridas, dá para entender um pouco esse comportamento que reflete na sociedade de leis que, simplesmente, não pegam.

AS AÇÕES SOBEM E DESCEM. POR QUÊ?

Tem muita gente por aí que acha que a bolsa de valores se comporta como o jogo da Roleta, nos Cassinos. Escolher uma empresa seria como escolher um número entre os 36 disponíveis; ao optar por colocar as fichas em 4 ou 6 números (aposta denominada quadrado e linha dupla, respectivamente), seguindo a analogia, o investidor estaria apostando em um segmento ou setor, como o petroquímico ou varejo de moda. Assim, o resultado ao final da rodada seria determinado pelo mero acaso.

A verdade é que muita gente vê de fato essa semelhança. Mas o que diferencia quem vê as bolsas de valores dessa maneira e quem enxerga que há sim como “ganhar da banca” é a quantidade de informação, estudos e análises feitas pelo “apostador”. **Vamos por partes:**

Primeiro, é importante mencionar que INFORMAÇÃO IMPORTA. As ações sobem e descem --- Expectativas sobre o futuro da empresa. um prejuízo temporário e conhecido pelos investidores não afeta o preço da ação. Mas perspectivas futuras negativas para uma empresa derrubam HOJE o seu preço. Isso é uma coisa fundamental, normalmente negligenciada pelo pessoal que vê a bolsa como cassino.

Segundo, que política importa, mas normalmente é mais determinante no curto-prazo. Obviamente, um caso de impeachment ou ainda da descoberta de um grande caso de corrupção no coração do governo impactam diretamente no preço das ações cotadas em bolsa. O movimento é negativo, pois não se sabe muito bem quais serão as consequências desses eventos.

E isso deixa o investidor sem chão, inseguro, não consegue enxergar bem o próximo passo. É um gatilho mental para ligar o “botão de pânico” e se desfazer de suas posições. Isso aconteceu agora em 2020, na crise do Coronavírus, assim como em outros momentos da história, como na crise do subprime em 2008, bolha das pontocom em 2000, crise do petróleo na década de 70, e tantos outros.

Mas o ponto principal é que esses ruídos da política no curto-prazo podem ser minúsculos quando se olha o prazos mais longos. Há casos e mais casos de empresas que tiveram valorizações gigantescas em períodos de 5, 10 e 20 anos. Casos da Vale e também mais recentemente da Magazine Luiza e da Weg não nos deixam mentir.

Assim, os preços das ações oscilam conforme o mercado (o conjunto de investidores) avalia o potencial da empresa, sua atuação frente aos concorrentes e o crescimento ao longo do tempo. O investidor experiente olha para o horizonte, enquanto que os mais novatos reparam nos pequenos barcos pesqueiros que atrapalham a visão, mas logo saem do cenário.

A decisão de rodar a roleta e apostar num número (com as probabilidades sempre a favor da banca) ou fazer um esforço grande para estudar, analisar e não depender da sorte na hora de investir **é SUA**.



PREÇO É O AGORA, VALOR É O FUTURO

Muita gente confunde o conceito de preço e valor. No mundo das finanças, saber a diferença entre os termos pode ser o fator determinante para ganhar (ou perder) dinheiro.

Preço são os números que você vê na hora de comprar ou produto ou serviço. Ao pegar uma caixa de leite da Marca A, ela custa R\$ 3,69. Uma ação da Petrobras? Apenas R\$23,69. Uma caixa com moedas antigas? R\$450,00. Tudo isso aqui é **preço**, um valor dado e conhecido por todos (compradores e vendedores).

Mas há uma coisa oculta aqui. Cada pessoa dá um determinado **valor** para aquele bem, e que pode ser diferente entre os participantes da transação. O colecionador que vende a caixa de moedas raras por R\$ 450,00 acha que a sua mercadoria vale R\$ 400, mas embutiu aí um percentual de lucro pra ele. O comprador, por sua vez, acha que aquela relíquia vale bem mais, próximo dos R\$600. O negócio acaba saindo pois é vantajoso para ambas as partes.

Nas ações da Petrobras, a mesma lógica é observada, mas com um ponto importante a se destacar: o valor está muito mais ligado às expectativas futuras da empresa do que ao presente. O investidor que compra a ação visualiza oportunidades de ganhos tendo em vista uma expectativa de maiores lucros, redução de despesas e melhor gestão da empresa. O que vende talvez não tenha essa visão tão otimista. De novo, os conceitos de valor e preço determinam a realização do negócio.

Quando a caixa de leite, o consumidor pode optar por outra marca mais barata, comprar um outro produto similar ou ainda desistir da compra. Contudo, irá manter sua decisão de comprar caso o **valor** que ele dá para aquele produto seja suficiente para pagar o seu **preço**.

O entendimento pleno a respeito da diferença entre valor e preço é a base de uma boa negociação. Pense nisso.

RESTRIÇÃO ORÇAMENTÁRIA: QUANDO CHEGA NO LIMITE...

Esse termo da economia só pelo nome provavelmente já te trouxe algo à mente. “Ah, já sei, que o orçamento tem limite, lá vem o economista me contar o óbvio”. Mas, calma, a ideia desse conceito na verdade é te mostrar um jeito de olhar o orçamento que pode realmente fazer diferença na sua vida.

Vamos por partes, principalmente para o caso de quem não achou tão intuitivo assim o termo. Restrição é um limite, um ponto máximo. Orçamentária é referente ao dinheiro que você tem todos os meses. Logo, Restrição Orçamentária é a linha limite que seu orçamento permite que você consuma.

A grande sacada de saber esse conceito é ir para além do “quanto você ganha” e entrar em um universo mais detalhado sobre o que significa utilizar esse orçamento na prática.

Pensemos em um exemplo prático. Imagine que ao final dos meses, depois de pagar todas as contas, te sobram R\$300 e você tem apenas duas maneiras de gastar esse dinheiro, sendo uma ir ao cinema (que tenha o custo de R\$25) e a outra jantar fora (R\$100). Pensar em como utilizar o orçamento dentro de seu limite é saber que suas opções são as seguintes: jantar fora três vezes no mês e não ir ao cinema, jantar fora duas vezes e ir quatro vezes ao cinema, jantar fora uma vez e ir oito vezes ao cinema ou não jantar fora e ir doze vezes ao cinema.

Em termos de gastos do governo, é exatamente esse tipo de restrição que a emenda do Teto de Gastos faz: uma vez que não é possível que o governo gaste além da inflação do período anterior, ele só pode fazer mudanças sobre todos os



gastos dentro daquele limite. Um dos exemplos mais clássicos dentro do mundo da economia para explicar esse conceito é o do Robinson Crusoe. Estando em uma ilha isolada e tendo apenas a possibilidade de usar seu tempo para coletar cocos ou pescar peixes, levando em conta que ele possa em uma mesma hora pegar um peixe ou dois cocos, num intervalo de três horas é possível que ele: pesque três peixes e pegue zero cocos, pesque dois peixes e pegue dois cocos, pesque um peixe e pegue quatro cocos ou pesque zero peixes e pegue seis cocos.

Nessa altura do campeonato acreditamos que você já entendeu a importância desse conceito. Lembramos que mais importante do que entender esse conceito é colocá-lo em prática. Todos os recursos são limitados - e o mais notável recurso limitado é o tempo -, então dadas as possibilidades que você têm para utilizar os recursos, lembre-se deste conjunto conceitual para enfim tomar as melhores decisões.

Esse é daqueles conceitos em que todo economista após falar sobre pode até não falar, mas certamente pensa: “viu, não te falei que economia era algo mais próximo do que você imaginava?”.

PODEMOS COMPARAR PESSOAS FÍSICAS COM O GOVERNO EM TERMOS DE LIMITE DE ENDIVIDAMENTO?

Isso acontece porque o governo tem uma capacidade de financiamento diferente das pessoas. Em teoria, ele é o ente econômico que nunca deixará de honrar suas contas e, dado que sua receita é “certa” (advém dos impostos) e

ele é quem emite a moeda, realmente há uma vantagem comparativa em relação às famílias.

Mas, não se engane: isso não significa que dá pra viver apenas de déficit. A responsabilidade fiscal importa mesmo assim - pois o governo pode não quebrar, mas ele repassa isso por outros meios, como a inflação.

TRADEOFF: OU VOCÊ FAZ UMA COISA, OU FAZ OUTRA

A moeda mais cara que existe é o tempo. E o motivo é simples: praticamente qualquer outra moeda você pode trocar, transacionar, acumular e guardar pra depois, mas o tempo passa e os segundos idos não voltam jamais.

Diante dessa verdade você tem dois caminhos: angustiar-se eternamente ou aproveitar da maneira mais eficiente possível seu tempo. Como você está aqui, desconfiamos fortemente que você está no segundo grupo.

Vamos então a esse conceito que pode melhorar sua vida um tanto: tradeoff é, em economês, de maneira bem direta, as escolhas que fazemos diante dos recursos, que são escassos. Todos eles o são, mas usamos aqui o tempo porque ele é único que não volta (a não ser que você esteja lendo isso quando já tiverem inventado uma máquina do tempo).

Essa escolha é, no fim do dia, a de fazer uma coisa ou outra, porque não dá para fazer tudo ao mesmo tempo.

Vamos ao exemplo: você acabou de chegar em casa de um dia bastante exaustivo mas, por estar fazendo faculdade e ver que a semana de provas se aproxima, sabe que o cansaço precisa ser vencido para que exista bom desempenho nessas provas. Você é obrigado a estudar? Não. Mas fica diante de uma escolha: tirar uma bela soneca (que talvez vire um sono profundo) ou beber uma dose razoável de café, encarar o cansaço e estudar?

Qualquer que seja sua decisão, saiba que você só poderá, na duração em que qualquer uma dessas duas atividades ocorrerem, fazer uma delas apenas. Levando em conta apenas a existência dessas duas possibilidades e de um espaço de tempo de, vejamos, cinco horas, você só poderá neste período dormir ou estudar. Pode também fazer um mix entre os dois, mas jamais ambos ao mesmo tempo.

Aliás, provavelmente é nessa hora que alguém vai comentar “mas durante a pandemia eu acompanhei aulas pelo computador e estava fazendo outras coisas”. Desculpe a má notícia, mas: você fez mais da outra coisa do que da aula então.

Nada contra ser multitarefa. Hoje em dia todos temos de ser pelo menos um pouco assim. Mas lembre-se, lembrando do ensinamento de Ayrton Senna: ou você faz bem uma coisa, ou não faz, não existe meio termo.

NA ERA DOS CELULARES, NÃO CONSEGUIMOS NA VERDADE FAZER MAIS DE UMA COISA AO MESMO TEMPO?

Olhando de maneira bastante direta para o conceito de tradeoff, aparentemente temos nos nossos smartphones exemplos de como podemos quebrar essa regra atualmente. Mas isso não é verdadeiro, o motivo é razoavelmente simples: a possibilidade que temos de acompanhar diversas coisas ao mesmo tempo pelo celular ocorre porque deixamos uma em aberto e as outras em espera.

Na prática, o que o smartphone nos proporciona de praticidade nesse aspecto é o fato de que algumas funções mais básicas podemos delegar a ele, como por exemplo os números de sua agenda telefônica. Hoje, com aplicativos de mensagens, podemos até inclusive manter algumas informações guardadas para serem consultadas mais adiante.

Tenha em mente que mesmo se você estiver em várias atividades ao mesmo tempo, ainda assim desempenha cada uma de uma vez. Tecnologia ajuda, mas não te duplica!

EXTERNALIDADE: O QUE EU TENHO A VER COM MEU VIZINHO?

Somos responsáveis pelas nossas ações e lidamos com o acaso todo dia. Mas e quando temos de lidar com a ação de outra pessoa, especialmente se não temos nada a ver com aquilo, para o bem e/ou para o mal? A economia também estuda isso: são as externalidades!

Externalidade é, em termos práticos, o efeito de uma ação de outra parte/pessoa em você. Sua vida seguia normalmente até que, de repente, algo acontece provocado por alguém que não necessariamente você sabe quem é mas, no fim do dia, te afeta.

Isso pode ser bom ou pode ser ruim. Mas de alguma maneira te afeta. Vamos a dois exemplos para esclarecer a questão!

Imagine que sua família realizou aquele antigo sonho de comprar uma casa de campo (sítio, fazenda, chácara, algum lugar para descansar aos fins de semana). Vocês então passam a semana planejando aqueles momentos bons do sábado e do domingo. Até que, do nada, uma fábrica de couros se instala nos fundos do local e, bem, além da água agora ser poluída, há um cheiro característico e desanimador. Ninguém da sua família teve a ver com aquela instalação - se pudessem até tirariam dali o empreendimento -, mas todos estão sendo afetados com uma piora no bem estar. Esse é um caso de externalidade negativa.

Agora imagine que você está morando em um bairro de São Paulo que é bastante tranquilo, mas que não tem tanto valor agregado por não estar bem conectado aos modais de transporte da cidade. Ônibus passam em horários ruins, Uber demora a chegar. Mas, de repente, uma estação de metrô começa a ser construída. Ao final dessa construção, ainda que você não tenha tido nada a ver com ela - nem com a obra, nem com a localização, com nada -, acaba sendo beneficiado porque agora seu imóvel vai valer mais justamente por estar mais

conectado a este modal que rasga a cidade inteira. Esse aqui é um exemplo de externalidade positiva.

Externalidade então é, no fim das contas, quando você, que não tem nada a ver com seu vizinho ou com o que dele decide pra vida dele, acaba afetado por uma decisão que ele tomou e sequer te consultou sobre. E sim, esse afetar pode ser tanto o negativo momento em que ele decide tocar obras (o que muito provavelmente vai atrapalhar seus momentos de sossego ou seu home office) quanto positivo caso por exemplo ele seja um exímio pianista, toque clássicas de Vivaldi, Chopin e Beethoven e você dê a sorte de também gostar desse ritmo musical.

De agora em diante, aposto que você nunca mais vai pensar em “o que eu tenho a ver com isso?” sem lembrar do que são externalidades quando elas estiverem presentes em sua vida.

TRAGÉDIA DOS COMUNS: QUANDO O DE TODO MUNDO É DE NINGUÉM

Um dos casos mais clássicos na economia quando falamos em externalidades é a chamada tragédia dos comuns.

São diversas as possibilidades de análise, mas vamos tomar como exemplo um local de pasto para animais de criação. Imagine que temos a pastagem privada pertencente a Beto, a pastagem privada pertencente a Ana e uma outra sem dono. Tanto Beto quanto Ana sabem que há uma quantidade máxima de bois a serem colocados em suas pastagens para que a capacidade de pasto não se esgote, então o fazem desta maneira.

Porém, quando qualquer um dos dois visualiza que precisaria de mais pasto, passam a procurar a pastagem pública para fazer isso. Ao longo do tempo, notam que essa pastagem pública pode, na verdade, virar a “pastagem oficial”, sendo que as próprias propriedades privadas podem ficar mais protegidas.

A externalidade neste caso é que ação ‘egoísta’ de Ana e Beto trazem resultado concreto para a sustentabilidade daquele pasto público. Sem perceber muito bem como a sua ação individual está relacionada com a continuidade do local, rapidamente os recursos se esgotam. Não há mais pasto para os animais criados por Ana e Beto, pois não houve qualquer coordenação no momento de utilizar esse recurso, que apesar de público, era escasso.

Pense aí: em quantas outras situações você pode verificar a presença da tragédia dos comuns?

FUNÇÃO DE UTILIDADE: DESCUBRA ENFIM COMO SER FELIZ

Certamente você já viu por aí alguma frase motivacional do tipo “o segredo da vida é fazer o que você quer, não o que querem pra você”. Pois é, a economia também estuda isso e, acredite se quiser, há mesmo uma relação direta entre as decisões que você toma e o nível de felicidade que você tem como resultado.

Vamos primeiramente ao conceito. Utilidade, para a economia, é o valor que você atribui (de maneira financeira ou não) ao nível de satisfação que alguma coisa te traz e, no fim das contas, função de utilidade é como a economia faz para rankear essas preferências que as pessoas têm por diferentes itens, ou mesmo diferentes marcas de um mesmo produto.

Três breves exemplos podem te ajudar a entender esse conceito econômico. Certamente em pelo menos um deles você deve se encontrar. Vamos a eles.

Quanto o assunto são as viagens de lazer, você claramente quer ir para algum lugar que te traga satisfação e que faça valer seu tempo e dinheiro ali. Logo, você fecha os olhos e... Imagina um cenário que se parece mais com uma casa na praia, ou uma montanha, ou um hotel fazenda. Pensando nesses três tipos diferentes, aposto que sua mente já decidiu qual você prefere mais, qual você fica indiferente e qual menos gosta. Essa escolha mental, independente de qual tenha sido, foi sua cabeça ordenando as opções e colocando em prática sua função de utilidade para viagens.

Cansado de tomar sempre aquela mesma cerveja de sempre, você decide que é hora de experimentar outras marcas e estilos. Opções não faltam, então a ideia é ir comprando pelo menos uma de cada tipo para poder experimentar e ter mais como opinar e encontrar o gosto. No meio do caminho você se depara com uma cerveja de trigo, uma IPA e uma Stout. Se você já experimentou estes três tipos, sabe direitinho qual lhe parece mais saborosa, qual você fica indiferente entre comprar ou não e qual não compra nunca mais.

Novamente essas decisões foram a sua mente utilizando a função de utilidade para tomar decisões.

Um dos chocolates mais famosos do mundo é o Kit Kat, da Nestlé. Até pouco tempo tínhamos no Brasil apenas o tradicional, que já faz um sucesso danado. Mas nos últimos anos, tal qual se tem no exterior, decidiram lançar mais sabores por aqui. Levando em conta que decidam por lançar aqui os mais de trinta sabores, imagine estar diante de um tradicional, um sabor morango e um de wasabi. Pela terceira vez: sem que façamos qualquer sugestão, você já tem em mente qual lhe faz salivar de vontade (e provavelmente após ler isso até te faça dar um pulo no supermercado mais próximo pra comprar), qual é aquele que tanto faz comprar ou não e qual aquele outro que você se arrepende até hoje de um dia ter comprado. Mais uma vez, isso tudo foi sua cabeça operando uma função de utilidade.

Pois então, qual a relação da função de utilidade (agora que você já sabe o que é) com a felicidade? Não é trivial, mas: a partir do momento em que você consegue discernir entre o que mais gosta e o que não gosta, em diferentes esferas, consegue escolher de maneira mais racional o que vai ou não fazer, como vai ou não gastar seu dinheiro, tempo ou qualquer outro tipo de recurso. E, se você analisar com carinho, provavelmente aplicando recursos de toda sorte naquilo que te dá uma utilidade maior (ou seja, que te faz mais feliz), talvez sobre até mais dinheiro do que hoje, que possivelmente é uma situação em que você direciona esforços mais para coisas que outras pessoas gostam do que seriam seus gostos pessoais.

Não é trivial e talvez irrite algumas pessoas de sua proximidade. Mas, se você gosta mais de visitar a praia tomando uma cerveja de trigo e depois comendo um Kit Kat de morango, por qual motivo deveria escolher outro lugar, com outro tipo de cerveja e um chocolate mais amargo? Se a vida é sua, a felicidade também pode ser.

E, se alguém te perguntar, é só dizer que você está maximizando sua função de utilidade para ser mais feliz!

CURVAS DE INDIFERENÇA: A MATEMÁTICA DO “TANTO FAZ”

Aprofundando um pouco a análise matemática das funções de utilidade, encontramos as chamadas curvas de indiferença. Talvez o nome não seja tão intuitivo, mas, na prática, elas significam que estar em qualquer ponto dessa curva significa que a satisfação (ou melhor, a utilidade) é a mesma e só se tem um real aumento (ou diminuição) no bem-estar da decisão tomada saindo desta curva.

Há diferentes tipos de curvas de indiferença, mas todas elas indicam o seguinte: em termos de função matemática, você tem determinadas condições para estar em uma situação de bem estar maior ou menor do que se encontra atualmente.

É importante aqui pontuar que essas curvas de indiferença levam em conta a chamada utilidade

marginal decrescente. Essa expressão complicada pode ser explicada com um rápido exemplo: no deserto, você pagaria uma quantia alta por um litro de água para beber; o segundo litro você ainda pagaria, mas pagaria menos; no terceiro já não pagaria mais quase nada, porque não teria tanta utilidade assim, pois a sede intensa já passou.

Na “matemática do tanto faz” das curvas de indiferença vale sempre lembrar da utilidade marginal decrescente!

CICLOS ECONÔMICOS: ECONOMIA NÃO SÓ CRESCE OU CAI

A economia, por ser uma ciência social aberta, não tem respostas fechadas para tudo. Não há um modelo até então totalmente comprovado de ser o mais eficiente, mais justo e gerador da melhor alocação possível de recursos que sirva indistintamente a toda e qualquer economia. Em função desta angústia, governos e entidades privadas passam o tempo todo sugerindo caminhos pelos quais, segundo suas visões, poderíamos alcançar um futuro melhor para todos em termos econômicos. Isso é legítimo e, levando em conta a existência de democracias, bastante salutar que exista.

Mas há uma certa ilusão que ocorre de tempos em tempos em todos os espectros políticos: a ideia de que seria possível, com algumas medidas tomadas, alcançar uma situação em que a economia passe apenas a crescer indefinidamente. Independente da corrente política que você pensou ao ler isso, saiba desde já que isso é realmente uma ilusão. Isso acontece porque a economia se desloca através do tempo pelos chamados ciclos econômicos.

Ciclos econômicos podem ser definidos como a forma em que a economia se posiciona ao longo dos períodos de tempo. De maneira mais direta, uma economia está em um dos três seguintes estágios o tempo todo: crescendo, estagnada ou diminuindo. A ideia de que a economia esteja passando por ciclos indica basicamente que ela não vai ficar em uma mesma situação o tempo todo, porque alguma mudança irá acontecer.

Imaginemos o Brasil de 2003, por exemplo. O Plano Real ainda sem ter completado dez anos, uma mudança no governo que sinalizava que algum radicalismo poderia acontecer. Eram tempos de investimentos parados aguardando o que aconteceria, o que se firmaria. Alguns anos depois, com o fantasma do radicalismo tendo passado e o indicar de que o país não iria acabar, investimentos são retomados. O país vai crescendo, ganhando tração (também com participação de parcerias externas). Em 2008 o mundo sofre um baque, reduzimos a atividade junto. Chegamos em 2010 com um PIB nas

alturas, capa da Economist indicando que agora decolaríamos, copa do mundo e olimpíadas virando a esquina. Mas aí veio 2014 de paralisação e a crise de 2015-2016. Passado isso, 2017 a 2019 vivemos uma certa recuperação (lenta, mas presente) e no ano de 2020, uma nova queda forte, em decorrência da pandemia.

Neste parágrafo anterior deu para observar como a presença de ciclos econômicos é notável. Mas é agora que entra o conhecimento estratégico desta parte do e-book: como você pode não ser enganado por propostas, geralmente políticas, que te prometem o impossível.

Os governos podem agir na economia com dois tipos de medidas amplas: as que têm relação com o orçamento do governo (fiscais) e as que estão relacionadas com o custo do dinheiro, a estabilidade da moeda e a inflação (monetárias). Essas duas medidas podem buscar fazer com que a economia fique mais acelerada (medidas expansionistas) ou com que ela fique mais normalizada (contracionistas). Medida fiscal expansionista é ampliar gastos do governo e contracionista diminuí-los; de modo geral política monetária expansionista é abaixar os juros sem uma atenção mais direta a inflação e, contracionista, aumentar os

juros quando a inflação estiver começando a dar sinais de que vai sair do eixo.

Pois bem, guarde essas palavras que praticamente nenhum governante quer que você saiba: apesar de, como você viu logo acima, existirem medidas que fazem com que a economia acelere, os efeitos dessas medidas não são eternos (e elas nem são colocadas em prática com custo zero). Expandir os gastos hoje significa que vai ser mais caro para todos sustentá-los no amanhã, enquanto contraí-los significa que parte da economia que o Estado preenche ficará menor; abaixar os juros pode servir de estímulo, mas deixar a inflação solta e aumentar os juros demasiadamente pode reprimir demais o consumo da economia.

Diferentemente do que determinadas plataformas políticas sugerem de tempos em tempos, não existe uma marcha trivial entre essas políticas que seja capaz de promover crescimento eternamente. O que essas políticas podem fazer é suavizar os ciclos econômicos, permitindo um menor impacto em momentos de recessão e um menor risco inflacionário em momentos de expansão. E é exatamente nesse momento que você precisa ter em mente isso: essas políticas têm máximo de execução e, não lembrar disso, pode custar muito caro ao país.

Um exemplo prático recente ajuda a ilustrar isso. Lembra da crise de 2008? Logo em suas proximidades o país começou a expandir seus gastos (tomando medidas expansionistas do lado fiscal) e a facilitar o acesso a crédito de maneira a sustentar a queda de movimentação que ali ocorria (expandindo, assim, o lado monetário). Chegamos a 2010 com um belo PIB. Desse ano em diante, as medidas continuaram em velocidade expansionista (que acaba estimulando a economia), mas os resultados eram cada vez mais questionáveis. Chegamos a 2014 com uma inflação que já dava sinais de dar trabalho - já que fomos pouco prudentes com o caminho dos juros - e uma situação insustentável de gastos do governo, dado que a torneira ficou aberta mais do que deveria.

Frisando novamente: na economia realmente não existem respostas fechadas. Mas, olhando sob a ótica dos ciclos econômicos, o fim da década 2000 e a primeira metade dos anos 2010 mostram claramente o que acontece quando se perde o rumo e se “esquece” da limitação dessas medidas.

A economia sempre estará crescendo, diminuindo ou estagnada. Governos podem ajudar suavizando isso, mas não há moto-perpétuo. Desconfie de quem sinalizar que algo tão milagroso possa ser real.

DOIS EXEMPLOS QUE DÃO UM CERTO NÓ NA CABEÇA

Nesta parte do e-book você aprendeu a ver com ceticismo a ideia de que exista fórmula mágica de manutenção inercial da economia em um rumo atual ou, mais diretamente, a desconfiar de quem aponta que dá pra crescer indefinidamente ou que uma situação negativa seja permanente.

De fato as situações de crescimento e

recessão não são eternas, mas existem dois casos que mostram como isso pode ser esticado de uma maneira impressionante. A Austrália cresceu por 30 anos seguidos, tendo apenas entrado em recessão em 2020; e a Venezuela viu seu PIB cair mais de 60% em menos de dez anos.

Independente dos motivos que levaram aos dois casos, é importante lembrar que crescimento ou recessão não são eternos. Mas nesses dois exemplos dá quase a impressão de serem!

CUSTO DE OPORTUNIDADE: TEMPO É DINHEIRO!

Esse é um dos conceitos econômicos que mais tem relação com você, mesmo inicialmente parecendo que não. Começemos do que ele significa, em partes: custo é algo que você tem a perder e oportunidade é a chance de alguma melhoria baseada em alguma atitude tomada. Unindo as duas partes, custo de oportunidade é, para os economistas: diante de alguma atividade que você está realizando em um momento, qual seria a melhor oportunidade que você teria de estar realizando outra atividade no lugar dessa?

Como você já deve ter se acostumado aqui neste e-book, não basta falar sobre o conceito, é importante te mostrar como ele se aplica - e, claro, fazer jus ao que você veio fazer aqui quando deixou seu e-mail para baixar esse conteúdo. Assim sendo, vamos a dois exemplos do que custo de oportunidade significa.

Você é um pesquisador em nanotecnologia que, assim como muitas outras pessoas em 2020, descobriu que de repente teria de trabalhar de casa por um tempo que não se sabe quanto vai durar. Para isso, houve a necessidade de adquirir alguns móveis. Tendo em vista ser mais fácil, você compra um dois em um, uma mesa que também é escrivaninha. Ela vem numa caixa, desmontada, com um manual. São duas as opções: dispensar algumas horas tentando montar o móvel (horas essas que você poderia usar pesquisando, o que lhe é mais produtivo) ou chamar alguém para montar o móvel (o que vai lhe custar algum dinheiro). Custo de oportunidade é ponderar se vale mais a pena usar seu tempo em pesquisar e pagar alguém pra isso ou não pagar ninguém e montar sozinho.

Agora imagine que você se aproxima da época de provas e está fazendo um baita calor. Sua família te chama para ir para a piscina, mas você sabe que precisa estudar. Então os cenários são os seguintes: você passa o fim de semana estudando, podendo ter resultados melhores nas provas mas deixando de aproveitar a piscina com sua família ou você opta por aproveitar o momento familiar

no dia de calor e deixa pra lá os estudos, o que potencialmente te prejudicará na hora das provas. Pensar com a cabeça de custo de oportunidade é saber fazer escolhas com base na ideia “se eu fizer isso aqui, poderia estar fazendo essa outra atividade”.

Colocar na mesa o que você poderia estar fazendo enquanto executa uma atividade é, então, a análise de custo de oportunidade. Como diria a clássica canção do Charlie Brown Jr: “cada escolha é uma renúncia, isso é a vida!”.

TEMPO É A MOEDA MAIS CARA QUE EXISTE

Se você soubesse quanto tempo tem entre hoje e seu último dia de vida, mudaria o que está fazendo agora e deixaria sua vida tomar outro rumo?

Essa resposta profunda é amplamente debatida no livro O valor do amanhã, de Eduardo Giannetti. A escassez do tempo e a certeza de que um dia iremos partir dessa vida são fatores que podem nos mover de alguma maneira, é claro, mas se soubéssemos com exatidão, provavelmente mudaríamos algumas decisões hoje.

Aliás, por falar em tempo, há também uma citação de Steve Jobs a respeito desta moeda: “Lembrar que você vai morrer é a melhor maneira que eu conheço para evitar a armadilha de pensar que você tem algo a perder. Você está nú. Não há razão para não seguir seu coração.”

A análise de custo de oportunidade não é das mais triviais. Mas lembrar que o tempo só passa uma vez ajuda a compreender a importância das decisões e omissões em nossas vidas!

DÓLAR: NASCEU APENAS PARA HUMILHAR OS ECONOMISTAS

“Quanto vai estar o dólar amanhã?” ou “Eu espero uns meses para comprar dólar ou compro agora?”. Esses questionamentos sempre aparecem naquele almoço familiar de domingo e o alvo da pergunta é o economista recém formado que olha com aquela cara de ponto de interrogação.

Ao menor sinal de dúvida, o mesmo que perguntou dispara: “mas como assim? O que um economista faz então?”

O preço do dólar talvez seja o indicador mais difícil de prever dentre todos as variáveis importantes em uma economia. Os analistas normalmente têm mais sucesso na projeção da inflação (explicada na próxima seção), dos juros (também explicado nesse ebook), no PIB, etc.

Mas o dólar... **vejamos os dados.**

Olhando o [Boletim Focus](#) - que é uma coletânea das projeções dos analistas de mercado - vemos que o tamanho do erro é significativo se compararmos o que foi projetado ao longo do ano e o valor observado da moeda americana no final do ano. Em 10 dos últimos 18 anos - ou seja, em mais da metade das vezes - as projeções (de janeiro para o final do ano) erraram o valor observado em dezembro, já considerando o intervalo entre o mínimo e o máximo das projeções feitas no começo do ano.

Mas afinal, por que é tão difícil prever o valor da moeda do Tio Sam? **São vários fatores.**

Em uma economia de câmbio flutuante, como a nossa, o principal fator que ocasiona a oscilação da moeda americana é a famosa oferta e demanda. Do mesmo jeito que em dias de chuva o preço do Uber normalmente sobe (porque há mais pessoas solicitando corridas do que motoristas disponíveis para atendê-las), em momentos que o dólar é mais demandado o seu preço aumenta. E essa

procura mais pela moeda pode ser provocada por motivos de comércio exterior (importações e exportações), por problemas econômicos (que normalmente depreciam a moeda nacional), por questões políticas internas e por aí vai.

Contudo, eventos internacionais mexem no preço do dólar também, como está sendo o caso da guerra comercial EUA-China, conflitos armados, perspectivas em grandes eleições (como foi o caso da disputa americana em 2020). Como o dólar é visto como “porto-seguro” dos investidores, ao menor sinal de incerteza o pessoal sai correndo para comprar as notas verdinhas da América.

São tantos fatores que fica muito difícil prever todos esses comportamentos para estimar o preço do dólar. Afora questões meramente estatísticas sobre a evolução da moeda americana (embora extremamente interessantes), uma frase bastante conhecida vem a calhar sobre o assunto: “Deus criou os meteorologistas para que os economistas não se sentissem tão burros”.

QUAL É A MELHOR TÉCNICA PARA COMPRAR DÓLAR NA HORA DE VIAJAR?

Ao viajar para fora do Brasil, muita gente fica com dúvidas sobre qual é o melhor momento para comprar dólar. Afinal, com as mudanças repentinas na cotação da moeda, fica difícil identificar o melhor momento para fazer a aquisição.

E o melhor momento, obviamente, é aquele em que a moeda americana está mais barata. Há formas de reduzir as chances de acabar pagando caro na hora de fazer o câmbio. Uma delas é comprar aos poucos, fazendo um preço médio. Imagine que você queira adquirir US\$ 1.000. Se fizesse tudo de uma vez, pagaria

a taxa atual, que pode ser alta e o preço ficar salgado. Se for comprando aos poucos, digamos, US\$ 200 a cada mês, pode se aproveitar de taxas menores. Contudo, se você acha que o preço ficará mais baixo um pouco antes de viajar, é melhor comprar tudo logo antes de fechar as malas.

Outra dica é comprar cotas em um fundo cambial, que aplica em moedas estrangeiras, principalmente no dólar. Hoje já há fundos que permitem aplicações de R\$1.000 e podem ajudar a proteger o investidor no caso de um repique na cotação. Assim, quando for viajar, você resgata o valor e compra dólares. Se o preço subiu no período, que bom, você estava protegido. Se caiu, você perdeu um pouco do seu investimento, mas ficou mais barato gastar fora.

Dizem que “quem converte não se diverte”. Mas com uma boa dose de conhecimento, você pode sim converter e se divertir do mesmo jeito!

INFLAÇÃO: DE UMA VEZ POR TODAS, O QUE É?

Muita gente confunde o conceito de inflação e o de aumento de preços. Pera aí... não é assim que é definido a ideia de inflação? Na realidade, a inflação é um aumento contínuo de preços em uma economia, por um determinado período de tempo. Quando a gente ouve falar no Jornal Nacional que a inflação foi de, digamos, 5% em um ano, isso significa que o conjunto de preços em uma economia está subindo nessa velocidade.

Mas aí que está o pulo do gato. Apesar dos preços terem subido nesse montante, alguns produtos podem ter caído de preço. Mas como isso funciona? A ideia é que quando comenta-se sobre inflação, normalmente estamos falando dos índices de inflação, que são composições matemáticas e estatísticas com o objetivo de calcular o aumento de preços de uma cesta de produtos em um determinado período.

E acredite: no Brasil não faltam índices de inflação. IPCA, IGP-M, INCC, IGP, IPC, INPC, IGMI são só alguns deles, uma verdadeira sopa de letrinhas que não ajuda a entendermos a real diferença deles. Resquício do período inflacionário, em meados da década de 80 e 90, cada índice mede uma coisa diferente.



O IPCA, mais conhecido, estima a variação do custo de vida médio de famílias com renda mensal de 1 e 40 salários mínimos, e é calculado pelo IBGE. Esse é o índice base que o Banco Central utiliza para cumprir a sua meta de inflação, que hoje está em 4% ao ano.

O IGP-M, por sua vez, é um compilado de outros três índices: o de preços no atacado (IPA), ao consumidor (IPC) e na construção civil (INCC), e é calculado pela FGV. É o índice mais utilizado para o reajuste de contratos de aluguéis, energia elétrica, telefonia e outras prestações de serviços.

Poderíamos continuar aqui falando das especificidades de cada índice, mas fica claro que a diferença principal é na metodologia, na cesta de produtos utilizadas, e na periodicidade que é medido. E claro, que nenhum deles representa SUA inflação. Afinal, não consumimos uma cesta fechada de produtos em um período de tempo.

Uma pessoa que não utiliza carro para se locomover não tem gastos com combustível, que pode ter subido 10% em 6 meses. Por outro lado, uma pessoa que trabalha de casa não sente no bolso os aumentos do segmento de alimentação fora do lar. Contudo, ambos entram no IPCA, por exemplo.

E isso é especialmente importante para as famílias de baixa renda, que gastam mais de sua renda para a compra de produtos básicos, como alimentação e transporte. Qualquer aumento repentino nesse tipo de bem ocasiona uma grande perda de poder de compra nessas famílias. Inclusive há até um índice de inflação justamente para esse grupo, o IPC-C1, que mede a variação da cesta de compras para famílias brasileiras com renda até 2,5 salários mínimos.

De qualquer forma, inflação controlada não é mal sinal. Significa que - em condições normais de temperatura e pressão - a economia está crescendo, criando empregos e arrecadando impostos. Mas nem sempre foi assim. Em tempos não tão distantes, convivemos com um descontrole inflacionário que, só de lembrar, provoca os sentimentos mais intensos de quem viveu aquela época.

A HIPERINFLAÇÃO BRASILEIRA: IMPORTANTE LEMBRAR PARA JAMAIS ESQUECER

Mais de 6 moedas diferentes: cruzeiro novo, cruzeiro, cruzado, cruzado novo, cruzeiro e cruzeiro real. 7 planos econômicos fracassados. A população completamente refém de um sistema de preços que subia a todo momento, para desespero de quem recebia o salário no começo do mês e via o poder de compra derreter rapidamente. Fiscais nos supermercados. Congelamento de preços. Confisco da poupança.

Quem olha de fora - e que não viveu esse período louco da economia brasileira -, até acha que trata-se de ficção. Mas tudo isso realmente aconteceu e tirou o sono de governantes, empreendedores e da sociedade em geral. Afinal, era praticamente impossível fazer qualquer tipo de planejamento, pois não se tinha a menor ideia de quanto subiria os preços no dia seguinte. Imagina pensar no mês a frente ou no ano. Impossível.

Um excelente livro para entender esse período é [Saga Brasileira: a longa luta de um povo por sua moeda](#), escrito pela jornalista Miriam Leitão. É um livro de economia para não economistas. Por meio de histórias contadas por pessoas comuns, suas aflições e desafios, a autora revisita os momentos mais críticos, que vão desde a farra do consumo provocada pelo Plano Cruzado, as decepções do Plano Bresser e Verão, o total descabimento do confisco provocado pelo Plano Collor e, por fim, o sucesso do Plano Real, que é contado em detalhes [nesse artigo](#).

Tempos loucos, intensos, mas que devem sempre ser lembrados para que episódios de descontrole inflacionário não ocorram mais por aqui. Pelo bem de todos, mas especialmente dos mais pobres, que veem seu poder de compra desaparecer em um curtíssimo período.



SOBRE OS AUTORES



CAIO AUGUSTO

Pós graduado em Gestão
Empresarial pela FGV e Economista
pela FEA-USP/Ribeirão Preto



ARTHUR SOLOW

Pós graduado em Business Analytics
e Big Data, pela FGV-SP e
Economista pela EESP/FGV-SP

e-Book
10 Motivos para Você
Aprender Economia Hoje

1º Edição
Novembro de 2020



www.terracoeeconomico.com.br

